

## Capítulo VIII

A busca do corpo canônico

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. A busca do corpo canônico. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 135-153. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Capítulo VIII

# A busca do corpo canônico

O corpo vai ocupar, nos contextos da revolução eletrônica e da sociabilidade contemporânea, um papel cada vez mais central (quicá determinante), chegando-se ao “culto do corpo”, à “política do corpo” com todos os seus desdobramentos. (MARCOS PALÁCIOS)<sup>1</sup>

As últimas décadas do século XX foram caracterizadas pelo espetacular, pelos simulacros, pela supervalorização do aparente, do belo, da imagem que se superpuseram aos aspectos emocionais, intelectuais e afetivos. Quando o novo milênio despontou, encontrou um mundo em que o culto ao corpo era umas das principais características. Segundo Couto, ele “se traduz como uma das grandes expressões humanas da atualidade”<sup>2</sup>.

Liberado dos pudores que o haviam aprisionado durante tanto tempo, o corpo exhibe seus contornos e sua sensualidade, usufruindo a sexualidade sem os limites de outrora.

Mas, por outro lado, este mesmo corpo liberto vem sendo escravizado pela ditadura da magreza, condição *sine qua non* de beleza e saúde. Esta ditadura resulta da busca obsessiva pelo corpo perfeito e da juventude eterna que exige renúncias alimentares e sofrimentos físicos (ginástica, musculação, *cooper*, bandagens, massagens na base de socos, fornos quentes etc). Casos radicais como o de uma senhora que amarrou os dentes com arame para não comer em um spa servem de ilustração<sup>3</sup>.

A preocupação excessiva com a aparência pode gerar um novo sintoma do mal-estar contemporâneo intitulado “lipofobia” ou pavor de engordar<sup>4</sup>. Regras tirânicas de beleza são impostas, de modo que quem não se pareça o mínimo possível com os modelos que desfilam em passarelas, sente-se fora dos padrões.

O elo entre alimentação e saúde estreitou-se mais. Manifesta-se na busca frenética pela qualidade de vida. Norteados pela concepção atual, segundo a qual cada um é responsável pela sua longevidade, é possível concluir que as práticas corporais de embelezamento e profiláticas caminharam paralelas às práticas alimentares.

O medo da obesidade é uma síndrome com raízes culturais, cada vez mais prevalente em países ricos, e pode ser situado dentro da categoria de distúrbios alimentares, do qual a anorexia nervosa é o extremo mais patológico.

É importante citar também os procedimentos corporais invasivos: além do modismo das cirurgias estéticas, recorre-se em número crescente às operações para reduzir o estômago e, assim, impedir que o apetite estrague a escultura individual.

A preocupação com a aparência era tamanha na virada do milênio que, segundo uma psicanalista entrevistada, as pessoas estavam procurando ajuda psicológica, não mais para falar sobre dificuldades de encontrar o prazer sexual. A insatisfação voltou-se para a imagem corporal<sup>5</sup>.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

A Revolução Científico-Tecnológica, ocorrida no século XIX, pode ser apontada como um dos fatores responsáveis pela mudança da percepção de mundo, alterando o cotidiano e as mentalidades. Transformações radicais refletiram-se nas relações afetivas e nas práticas corporais, entre outras.

No século XX, durante o período compreendido entre as duas grandes guerras, aconteceram mudanças significativas. Até então, nos locais onde o modelo patriarcal ainda vigorava, a beleza feminina desejada beirava a morbidez. As garotas tinham um tipo franzino, aparentando estarem doentes ou anêmicas. As senhoras casadas, em geral gordas, possuíam coxas grossas e quadris largos. A valorização do vestuário e da aparência física era valorizada principalmente no que dizia respeito à diferenciação entre os dois sexos.

Na obra de Freyre (1977), pode-se verificar que a diferenciação exagerada estava atrelada ao duplo padrão de moralidade (educação com amplas liberdades para os homens e restrições e interdições para as mulheres) e a concepção tradicional de que o corpo da mulher fora feito para engravidar, parir, amamentar<sup>6</sup>.

Sant'Anna nos informa que, durante as primeiras décadas do século XX, os encantos da mulher estiveram limitados às prescrições médicas e às regras da moral católica presentes nos manuais e nas revistas femininas. Segundo esta moral, "*a mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta*". Assim, a brasileira deveria, segundo os padrões da época, se contentar com o uso de jóias, chapéus e luvas. Fora deste uso e para além das prescrições médicas, que incluem a higiene do corpo e a cultura física, o embelezamento corre o risco de denotar uma moral duvidosa.

[...] apesar da diversidade de remédios existentes para embelezar a mulher como num passe de mágica, prevalece a convicção de que a verdadeira beleza é fornecida por Deus. [...] considerada um dom, muito mais do que uma conquista individual<sup>7</sup>.

Nesse contexto, a adesão a práticas de embelezamento explícito, como maquiagem ou pintura dos cabelos, colocava em risco a moral das moças ditas como “de boa família” e poderia associá-las às mulheres de vida fácil, ou seja, às prostitutas. Entre os conselheiros de beleza predominam os indivíduos do sexo masculino, principalmente médicos e escritores moralistas: aceito e desejável, o culto à beleza deveria estar identificado com os princípios médicos e higiênicos, nunca à sedução. Assim, o discurso higienista objetivava garantir os limites entre a vaidade das mulheres “honradas” e a libertinagem das mulheres de “conduta duvidosa” que desfilavam pelos teatros e cafés da cidade<sup>8</sup>.

A ideologia cristã muito contribuiu para que o prazer corporal e a sensualidade fossem condenados e considerados pecaminosos, assim como o foram a indolência e a gula<sup>9</sup>. Os corpos roliços, as barrigas indicadoras de prosperidade foram banidos, e associados ao enriquecimento ilícito, aos excessos, à falta de moderação.

A primeira guerra mundial modificou alguns hábitos de indivíduos e famílias abastadas brasileiras. Até então eles costumavam viajar para a Europa em busca de cultura, lazer e objetos de luxo. Foram forçados a se contentar com os atrativos do nosso país. As estações de águas tornaram-se o ambiente de lazer preferido da burguesia mineira, paulista e carioca. Com o pretexto de fazer tratamentos através de banhos e águas medicinais, reuniam-se nos cassinos que proliferavam nestes locais.

A entrada de mulheres européias no mercado de trabalho, durante o conflito de 1914-1918, para substituir os homens que lutavam no *front*, assim como a crise econômica resultante, determinou a aposentadoria de vestidos rodados e compridos, empecilhos para algumas atividades e que exigiam metros de pano supérfluos.

Pesquisas apontam os anos 20 do século passado como o marco da inclusão da bela aparência no rol das problemáticas sociais<sup>10</sup>. Aos poucos, o desejo de ‘estar em forma’ exigiria obediência a dietas, utilização de recursos de embelezamento e atividades esportivas<sup>11</sup>.

O banho de mar deixou de ser apenas um recurso terapêutico recomendado pelos médicos, para transformar-se em prazer e diversão<sup>12</sup>. O desvelamento progressivo do corpo refletiu as mu-

danças dos valores morais vigentes. Segundo Azevedo, a exibição do colo e dos membros superiores e inferiores, os trejeitos sedutores são expressões de uma ética desencadeada pela frequência às praias<sup>13</sup>.

Até as primeiras décadas do século passado, fugia-se do sol para preservar a pele branca, resquícius da aristocracia que não trabalhava ao ar livre. Roupas que escondiam os braços e as pernas impediam o bronzamento e também os olhares desejosos. Quando a prática dos esportes e o ar livre foram associados à saúde, a exposição ao sol foi liberada. Iniciava-se a fase de valorização da vida saudável que exigia banhos de água salgada, caminhadas, ginástica, *check-ups*, tônicos, laxantes, elixires e atenção à alimentação.

Nesse complexo sistema articulado pelas noções básicas de limpeza, saúde e beleza, o símbolo central era, sem dúvida, a imagem do corpo humano, utilizado intensamente pela publicidade comercial ou pela oficial, e apresentado em geral semidespido, jovem, saudável, atlético e impoluto<sup>14</sup>.

Na década de 30, com a instituição de férias anuais remuneradas, pelo presidente Vargas, o paraíso das termas ficou ao alcance dos assalariados que também descobriram o encanto das praias brasileiras. Estes novos costumes, além de possibilitarem a convivência de diferentes segmentos sociais, contribuiu para a assimilação, das classes médias de hábitos elegantes, tais como pratos requintados, roupas sofisticadas, e preocupação com o visual. Num lento processo, as mulheres encurtaram as saias que varriam o chão, jogaram fora os espartilhos sufocantes, como ilustram vários jornais, revistas e pesquisas de etnólogos que voltaram sua atenção para o estudo do vestuário, reconhecendo que o modo como o corpo é coberto influencia os costumes e a moralidade.

Ao valorizar o corpo apolíneo, que se contrapunha ao corpo dionísíaco dos ociosos ou dos libertinos, os discursos pedagógicos e higienistas coincidiram em seus objetivos<sup>15</sup>. Pregavam os exercícios físicos que possibilitavam não só modelar as formas femininas, como também evitar a temida ociosidade e os hábitos mundanos da juventude<sup>16</sup>.

Um dos principais sinais das transformações relativas às práticas corporais foi a mudança do espaço e do papel do banheiro e da cozinha nos lares. Ambos representam os primeiros degraus para a onda de conforto que viria vingar nos anos posteriores, sem a ameaça de pecado que, tanto a ética protestante como a cristã, fez pairar sobre as cabeças.

A relação do indivíduo com seu corpo somente começou a ser subvertida inteiramente após a segunda guerra mundial, cujos efeitos se manifestaram em transformações de atitudes, valores e comportamentos.

Depois dos anos 50, perdeu força a concepção de que beleza e feiúra eram dádivas da natureza, concedidas por Deus, e o embelezamento incluído no pecado da vaidade. Para isso contribuíram as revistas femininas, o sucesso das estrelas do rádio e, principalmente, das atrizes do cinema, ícones de influência de comportamento, aliadas ao desenvolvimento da indústria de cosméticos.

Só nos anos 60 as mudanças se intensificaram a ponto de revolucionarem simultaneamente corpos e cabeças. Um novo imaginário despontou, tornando mais intensas as rupturas. Movimentos de várias ordens pregavam o prazer de amar, de morar, de se vestir sem amarras ou regras que, aos poucos, foram sendo difundidos com o auxílio da mídia, e tomaram conta do mundo ocidental e parte do mundo oriental. Eram movimentos pacifistas, defensores da natureza, da contracultura, da liberdade sexual, da individualidade, dos direitos da cidadania, entre outros, alimentados por jovens. Estes afirmavam um estilo peculiar e inédito na alimentação, promiscuidade, liberdade sexual, tipos de lazer, nomadismo<sup>17</sup>.

A ideologia da liberação do corpo, que marcou os anos 60 e 70, refletiu a revolta contra a autoridade típica deste período.

Desde a invenção da pílula anticoncepcional, as pesquisas científicas sobre o comportamento, a saúde e a psicologia feminina, e a possibilidade de envelhecer com beleza e saúde se multiplicaram. Evoluíram os diagnósticos e soluções para doenças e problemas femininos tais como rugas, gordura localizada, ressecamento da pele, flacidez nas nádegas, coxas, braços e peitos, celulite, infertilidade, tensão pré-menstrual, osteoporose, câncer de mama e de útero, menopausa.

Enterrou-se a idéia de que só a mulher jovem era bonita e atraente. Não mais as que haviam ultrapassado a faixa dos quarenta foram consideradas velhas, não mais foram afetadas psicologicamente pelo envelhecimento que mudava seus interesses. Não mais se aposentaram para os prazeres da vida.

Le Breton sintetizou o final da década de 60, quando o individualismo ocidental entrava em uma outra etapa de seu desenvolvimento, chamada por alguns de “neointividualismo”: o corpo se impôs através dos movimentos feministas que reivindicavam o direito de abortar, alegando o direito de dirigir o próprio corpo; da chamada “revolução sexual” que prometia enterrar o tabu da vir-

gindade. Cursos de expressão corporal; o *body art*; a emergência de novas psicoterapias, como a bioenergética, e de terapias orientais como a acupuntura, de massagens não apenas modeladoras, das difusão das drogas entre jovens e adolescentes etc<sup>18</sup>.

Embora o culto ao corpo ainda não tivesse atingido seu apogeu, havendo até um certo desprezo por parte da juventude militante aos cuidados corporais, considerados alienantes, a esbelteza começava a se afirmar como condição de beleza. Não apenas para seguir o exemplo da modelo Twiggy, cuja aparência andrógina conquistou os estilistas. Não apenas para aderir ao o modismo da alimentação macrobiótica ou naturalista. As primeiras condenações aos alimentos industrializados objetivavam mais protestar contra a sociedade de consumo do que contra a obesidade.

A associação entre beleza e magreza também refletia preocupações socioeconômicas. Segundo Barber, o armazenamento de gordura corporal é inversamente proporcional à posição econômica do sexo feminino. Quanto menores forem as condições econômicas, mais o casamento ganha importância para as mulheres e mais se torna curvilíneo seu padrão físico. Aquelas que conquistaram independência financeira tendem a ser mais magras<sup>19</sup>. A valorização da magreza, assim como das atividades intelectuais que, por sua vez, alimentam representações estéticas correlatas, é maior nas classes mais altas<sup>20</sup>.

Após maio de 68, as inquietações começaram a se estender a questões relativas à corporeidade. Ao lado do fortalecimento da psicanálise, que privilegia a palavra, surgiram e/ou ganharam notoriedade terapias que davam ênfase ao corpo, como a Bioenergética, Terapia do Grito Primal, Psicodrama. Algumas se pautaram na Gestalt, outras introduziram técnicas psicodramáticas, de expressão corporal, reichianas, e atingiram o ápice na década seguinte.

Muitas delas estimulavam e resgatavam o prazer sensual, trazendo à tona sentidos abafados, criando exercícios em que olhar, cheirar, tocar, escutar eram estimulados. O corpo trabalhado nas terapias deveria ser ágil, saudável e magro. A gordura era considerada um grave sintoma neurótico. Só o paladar ficou de fora. As atividades orais surgiam em gestos mais ousados, como lambe o parceiro, para melhor conhecê-lo<sup>21</sup>.

Os anos 80 foram marcados por um desenvolvimento expressivo da aquisição de produtos que estimularam o corporalismo. A economia de mercado, combinada ao progresso tecnológico, criou condições favoráveis para a explosão do consumo de bens e serviços destinados aos cuidados corporais. O corpo tornara-se um



instrumento de distinção elitista e de gênero nas sociedades de classe, dando origem a novas profissões: os *personal trainers*, geralmente educadores físicos ou fisioterapeutas que fazem um acompanhamento individual e personalizado das atividades físicas do indivíduo e são contratados pelas elites e classes médias mais abastadas. Foram os tempos da proliferação de academias, máquinas variadas que ajudavam a esculpir o corpo. Surgiram práticas tais como o *jogging*, a aeróbica, regimes de todos os tipos. Submeter-se a uma cirurgia plástica tornou-se quase equivalente a fazer tratamento nos dentes.

Nesta década, explodiu a cultura visual do músculo que culminou na figura do *body building* — construtor do próprio corpo. Este foi considerado por Sant’Anna como um das manifestações mais espetaculares da cultura da aparência nos Estados Unidos, sustentado por uma indústria e um mercado<sup>22</sup>.

Com a ascensão dos *yuppies* da geração saúde, um grande contingente do sexo masculino começou a apelar para os recursos de embelezamento, não apenas por vaidade, mas pela constatação de que o mercado de trabalho dá maiores oportunidades aos portadores de uma “bela fachada”.

As principais revistas masculinas publicavam “segredinhos para alcançar o chamado corpo ideal, repleto de músculos”, reproduzindo a mesma linguagem das revistas femininas de vinte anos atrás<sup>23</sup>.

Bombardeados por imagens de bonitões, os homens começaram a sentir os problemas experimentados pelas mulheres: a concorrência estética, a comparação com inalcançáveis modelos de beleza, a necessidade de se esforçar constantemente para melhorar o visual. Por isso eles começaram a freqüentar as academias de ginástica, a fazer exercícios aeróbicos, a apelar para aparelhos de musculação, a entrar na dieta, a submeter-se a cirurgias plásticas acreditando que, se estivessem em forma e bem-arrumados, teriam mais sucesso nas conquistas amorosas.<sup>24</sup>

Em 1999, das 300.000 cirurgias estéticas realizadas no Brasil, 60.000 foram feitas em homens preocupado em rejuvenescer por motivos afetivos e também profissionais<sup>25</sup>. “No desempate entre dois candidatos com as mesmas qualificações, o indivíduo magro, com aparência de quem pratica esportes, vai se sair melhor”, avaliou um *headhunter* carioca. Consumidas na surdina, as “bombas”, como são apelidados os hormônios que fortalecem os músculos peitorais, fazem sucesso sobretudo entre os jovens de 18 a 34 anos, mostram pesquisas<sup>26</sup>.

Talvez nunca o corpo tenha sido tão explorado comercialmente e publicitariamente como foi nos anos 90. Talvez nunca

o bem-estar tenha sido tão prometido e os valores corporais tão exaltados. A palavra de ordem da última década do século XX era conservar a saúde e manter o corpo magro e jovem. O discurso médico realçou a importância de exercícios e da alimentação equilibrada, dos cuidados com a pele, cabelos, unhas, olhos, dentes, pilosidade. Em artigo sobre o tema, Palácios refere-se aos desdobramentos do culto ao corpo:

as “viagens interiores”, através da meditação transcendental, Yoga e outras técnicas; às “sex-shops”, às “academias de culinária física”, “spas” e dietologia dos anos 80; Madonna, Prince, Cazuza e Foucault; apenas na superfície<sup>27</sup>.

Alimentos entravam em cheio nas fórmulas de beleza. Até guaraná, gengibre, arroz e manjeriço têm sido utilizados para a fabricação de cremes, xampus e outros produtos de beleza<sup>28</sup>.

Se os exercícios físicos já haviam servido, no passado, de castigo corporal, tendo sido um dos recursos para frear uma sensualidade proibida, tornaram-se, no final do século XX, um meio para se atingir satisfação pessoal através da conquista de um corpo e uma saúde perfeitos. Praticados apenas pelos jovens, passaram a ser estimulados e indicados para todas as faixas etárias como meios indispensáveis de manutenção da saúde.

Até o início da década passada, uma cirurgia estética era considerada sinal de futilidade, capricho de dondocas. No início do ano 2001 a plástica, paga em prestações, foi banalizada. A ânsia pelos resultados imediatos e menos sofridos era a principal motivação<sup>29</sup>.

Segundo especialistas, a explicação mais adequada para o fenômeno só poderia ser encontrada na esfera do comportamento. “Nos países europeus não se vê um esforço das mulheres de 40 querendo parecer ter 30, no Brasil, sim”, afirmou o cirurgião paulista Fabio Carramaschi<sup>30</sup>. Foi noticiado que, na virada do século, o Brasil era vice-campeão mundial de cirurgias plásticas: 300.000 por ano<sup>31</sup>.

Clínicas de estética multiplicaram-se. Engrossar os lábios com uma substância injetada na área da boca que exigia anestesia local era um dos serviços oferecidos por alguns salões de beleza.<sup>32</sup>

Os tratamentos de beleza foram assumidos pela medicina. As cirurgias tornaram-se mais seguras. Em 1980, a lipoaspiração ampliou os limites da plástica assim como as novas próteses de silicone<sup>33</sup>.

Observou-se um vaivém do tamanho do peito e, na virada do século, o silicone passou a ser um sonho de consumo de

muita brasileira ‘despeitada’. Reportagens sobre o tema citaram celebridades que apelaram para próteses. Os ícones da mídia continuaram ditando padrões estéticos e seus corpos acendendo desejos de imitação, motivando muitos a realizá-los apelando para a cirurgia plástica. Os principais pedidos das pacientes nos consultórios nas últimas quatro décadas foram: a boca da Brigitte Bardot nos anos 60, os seios da Sonia Braga nos anos 70, o nariz arrebitado da Bo Derek nos anos 80, a barriga da Madonna nos anos 90 e, no final do século, os seios da Luma de Oliveira que, como se divulgou, eram siliconados.<sup>34</sup>

A facilidade e a rapidez com que o brasileiro se submetia a operações estéticas, o que tornou o país no maior consumidor mundial desse recurso embelezador<sup>35</sup>.

A mania de emagrecer se estendeu a crianças. Investigações realizadas nos anos 90<sup>36</sup> indicaram influências de professoras, de mães que faziam ou lhes exigiam fazer dietas, e até mesmo de bonecas esquiladas. O resultado de um estudo realizado pelo médico Andrew Hill na Universidade de Leeds, Inglaterra, mostrou que até os brinquedos das meninas, nos dias atuais, refletem a grande preocupação com a aparência. Serve de exemplo a boneca Barbie, loira e extremamente magra, feita originalmente para pré-adolescentes nos anos 60, e que hoje é destinada hoje a meninas de 6, 7 e 8 anos. “A pressão para que você seja magra a qualquer custo – seja passando fome ou entrando na ‘faca’ – é cada vez maior, mesmo para as crianças. Há um grande número de mães que obriga as filhas a fazer regime”, afirmou Hill, que apresentou seu estudo na reunião da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência e que foi publicado na *Folha de S. Paulo* dos dias 14 de setembro e 27 de outubro de 1996<sup>37</sup>.

Garotas inglesas chegavam às clínicas com fotos de Kate Moss e um pensamento *wannabe*. Cresceu o número de candidatas às passarelas. “Houve uma época em que o sonho de toda adolescente era ser professora. Hoje é ser modelo”, afirmou à *Folha de S. Paulo* a psiquiatra Lucinda do Rosário Trigo, especialista em transtornos alimentares<sup>38</sup>.

Ao ser condicionada a uma vida saudável, a felicidade teve seus requisitos transformados. O esvaziamento dos ideais, a desmobilização, a despolitização, o fim da militância estudantil, o desencanto com as grandes causas levaram o indivíduo a buscar na esfera privada aquilo que ele não encontrava na sociabilidade cotidiana apelando para especialistas dos contatos corporais.

...com a urgente revalorização do prazer, se estrutura um verdadeiro CULTO ao corpo, em tudo análogo a qualquer religião, dogmática e idólatra como sóem ser as religiões, em uma palavra, assistimos hoje ao surgimento de um novo universo mágico: A CORPOLATRIA. (CODD & SENNE)<sup>39</sup>

Considerada uma nova forma de religiosidade, a “corpolatria”, também poderia ser comparada a uma nova forma de intoxicação, tomando como base a comparação marxiana de ópio e religião.

Entre as várias tentativas feitas pelo homem de escapar ao mal-estar na cultura, Freud apontou a religião e a intoxicação. Sabemos que a partir do final do século XX, as drogas e seitas proliferaram. Mas enxergando de forma mais ampla o conceito de religião e intoxicação, (arriscamos dizer que estes se aproximam) podemos vincular algumas atitudes e comportamentos que sustentam o comércio e indústria do mal-estar à religião e à intoxicação.

Os corpólatras vivem obcecados pelo próprio corpo, investem energias em massagens, dietas, fisioterapias, hidromassagens, malhações, *cooper* etc., ou recorrem a tratamentos miraculosos (vitaminas, florais, homeopatia, acupuntura) para prolongar a vida. Ironicamente, muitos deixam de vivê-la, ao gastar tempo demasiado nestas atividades. Deles se aproveitam não só as academias e indústrias de produtos naturais, cosméticos etc., mas os fabricantes de aparelhos médicos, cada vez mais sofisticados.

Provavelmente estes corpólatras — que, sem dúvida, “corpolatram” em maior ou menor grau — experimentam a sensação confortável de estarem prolongando sua vida, de adiarem a velhice ou maquiarem a decadência corporal. Isso se não forem vítimas de algum acidente, assassinato, ou até mesmo uma doença que drible as bolas de cristal pós-modernas. Sinal dos tempos: surge a figura do *self made man* da saúde, aquele que tem poder sobre ela. E também do *body-building*.

Alguns autores relacionaram a queda dos ideais e grandes causas, e à fragilidade de instituições como religião, política, família, como razão para os indivíduos e grupos transformarem o próprio corpo em principal meio de expressão na cena social, voltando a atenção para a própria saúde<sup>40</sup>.

Desde o surgimento da tatuagem, sob a égide de Ed Hardy, em 1982, tornou-se comum recorrer à modificações que implicam mutilações, resultam em cicatrizes, como a tatuagem e o *piercing*, entre outras. Estas marcas, não mais associadas à marginalidade, vão se desdobrando: é possível optar pelo *stretching* (alargamento de um furo na orelha para colocar algo maior) *scarifications* (cicatrizes trabalhadas) *cutting* (inscrições de figuras geométricas na pele, ou desenhos feitos com objetos cortantes) *branding* (cicatriz em relevo obtida com a ajuda de um ferro em brasa) *burning* (impressão na pele de uma queimadura deliberada que é enchida de tinta ou de pigmento), *peeling* (raspagem da superfície da pele), implantes subcutâneos<sup>41</sup>.

Estas opções não devem, segundo Le Breton, serem confundidas com atos masoquistas. Assim, rotulá-las seria neutralizar as interrogações que elas provocam. A dor adquire um novo aspecto, é transformada em sensação de domínio do corpo.

Além de seduzirem e estimularem o olhar, na medida em que estão no rol dos comportamentos exibicionistas, também estimulam o tato ao convidar ao toque. A dimensão erótica da tatuagem, identificada entre povos ditos primitivos, atualiza-se, pois, na época contemporânea<sup>42</sup>.

As chamadas *body modifications* ou *bod-mod* foram radicalizadas. Marcas a ferro quente, como é feita no gado, gravações na base dos talhos de navalha, cortes na língua, dividindo-a ao meio para imitar movimentos de uma cobra tornaram-se alternativas de mudanças corporais apesar dos protestos e carões dos pais.

Uma reportagem explicou que esses comportamentos não eram necessariamente causados por “morbidez da automutilação, distúrbio psicológico relacionado a culpa e punição”.

O guru da arte corporal contemporânea, Fakir Musafar, 69 anos, em 1999 difundiu o termo “primitivos modernos” para designar seus seguidores. Para Musafar, as cicatrizes voluntárias não eram feitas simplesmente por razões estéticas, mas devido a ausência de ritos na vida moderna. Mutilar o próprio corpo seria, então, um rito de passagem.

Uma garota de 21 anos, submetida a dez tatuagens, *piercings* e cicatrizes, na ocasião da entrevista, iria experimentar o *branding*. Pretendia marcar nas costas, a brasa, asas que julgava lhe terem sido arrancadas. Um americano de 27 anos,

disse que estava disposto a metamorfosear-se em lagarto. Com esse objetivo implantou caroços de silicone acima das sobrancelhas, bifurcou a língua, lixou os dentes para que adquirissem formato de presas e, aos poucos, ia se cobrindo de tatuagens de escamas verdes.

A psiquiatra paulista Luciana Sarin não considerou patológico o comportamento mutilatório-exibicionista, desde que o fizessem por opção.<sup>43</sup>

## CORPO E MÍDIA

O corpo da mídia caracteriza-se, em geral, pelo hedonismo em torno de uma imagem cosmetizada e fetichizada, impregnada de conotações eróticas, sedutoras, sexuais, sensoriais e sensuais. Trata-se de um corpo que é a um só tempo produto de compra, venda, instrumento de reprodução de sentidos e identidades, vitrine a ser copiada (MALU FONTES<sup>44</sup>).

É possível construir uma história social da vida privada, bem como descrever um imaginário de época, através da consulta a revistas que tenham enfocado e fotografado a circulação e consumo de roupas e acessórios adotados em um determinado momento histórico. Ao mostrar, em fotografias, roupas e corpos supostamente ideais, as chamadas 'revistas de estilo' têm sido testemunhas da estética ao longo dos tempos. As caricaturas divulgadas pela imprensa também nos possibilita acompanhar as transformações das atitudes relativas aos padrões de beleza e da moda. E as reportagens e artigos persuasivos, incentivando e ensinando como se comportar e o que comprar para obedecer a estes padrões nos permitem acompanhar a trajetória dos costumes.

No início do século XX, a imprensa, através de fotografias e reportagens, começou a desempenhar um papel significativo na difusão de preceitos de uma moda importada da França, enquanto o cinema americano exibia os corpos femininos e ensinava jogos de sedução<sup>45</sup>. Revistas femininas tais como *A Cigarra* criaram seções ensinando estratégias de conquista e a usar o corpo para atrair os olhares. A publicidade lançou produtos para o combate dos defeitos da aparência.

Nos anos 40, as revistas começaram a exibir banheiras fotografadas com espuma escondendo o corpo de atrizes famosas. Propagandas como estas levaram aos lares pitadas de

erotismo. Sabonetes, xampus e produtos de higiene passaram a ser associados a belas mulheres em poses sensuais. Os detalhes físicos das modelos foram aparecendo com mais nitidez com o decorrer dos anos. Frases do tipo “sinta”, “experimente”, apelavam para os sentidos. Os anúncios falavam no prazer que não poderia ser desperdiçado.

Quem se deparava com tais “reclames”— nome da publicidade à época —, adivinhava os cheiros de sabonetes e musses, imaginava a suavidade e maciez dos cremes lambuzando a pele, sentindo “o prazer de uma carícia”, escutando a água caindo e enxergando mais do que permitiam as imagens.

O paladar também era convocado em fotos de bolos de várias camadas, de frangos dourados e de refrigerantes sempre gelados apresentados por garotas de maiôs. “Não perca este prazer” era uma das expressões utilizadas, acompanhando as imagens da mulher que se diz ‘moderna’, exemplo de sensualidade e de descontração”<sup>46</sup>.

Multiplicavam-se os conselhos sobre beleza, não apenas para seduzir, conquistar, ou conservar a pessoa amada, mas para proveito próprio. As mulheres eram intimadas a descobrir o próprio corpo, e, como sinalizou Sant’Anna, “para cultivar o prazer de se curtir”.

A imprensa contribuiu para exaltar as formas atléticas e curvilíneas e difundir estereótipos pejorativos, através de charges e caricaturas ridicularizando homens e mulheres gordos. A condenação à obesidade foi, então, por motivos diversos, assumida pelo puritanismo religioso, pela Medicina e pela indústria da beleza.

Nos anos 50, surgiram novas publicações destinadas ao público feminino (*Cinelândia, Querida, Capricho*, por exemplo), em cujas páginas mulheres mitificadas transmitiam conselhos de beleza, respondiam dúvidas sobre cuidados do corpo e do rosto. Nesta década, e sobretudo na década seguinte, a propaganda atingiu não apenas a elite, mas também a classe média. Os produtos de beleza integraram-se ao cotidiano, invadiram o espaço doméstico e locais de trabalho. O modelo americano influenciou decisivamente a publicidade brasileira<sup>47</sup>. Data deste período a inauguração da televisão no Brasil. A partir de então, cresceu o número de pessoas que nela buscavam sua principal ou única fonte de informação.

As percepções sobre o que é belo e desejável foram alteradas com a influência do cinema e a televisão, ao propiciar identificações com atores, personagens de novelas, programas femininos, etc. Pesquisas revelam que um número significativo de jovens que, na década de 70, se identificava com os heróis

frágeis e sofridos do cinema americano daqueles anos (representados por Dustin Hoffman, por exemplo) passou a escolher como modelos heróis agressivos, seguros de si, adeptos do *body-building*, como aqueles personificados por Schwarzenegger ou Stallone.

As novelas permitem, mediante a exibição do vestuário, assinalar o estilo de vida da mulher projetada na ficção: os cuidados, os medos, as formas de prazer, as maneiras de cuidar do corpo e de se mostrar... Observando os objetos colocados em cena em uma ficção da novela *Minha Doce Namorada* (1971/72), do seriado *Malu Mulher* (1980) ou *Mulher* (1999), podemos vislumbrar o percurso das mudanças de costumes, hábitos, comportamentos e estilo de vida. É assim, os objetos nos permitiriam, igualmente, uma leitura da vida social brasileira através das décadas<sup>48</sup>.

Um estudo realizado por Barber em 1998, sobre as mudanças nos padrões de atração física na mulher americana e os diferentes ideais masculinos e femininos, analisou as curvas das modelos da revista *Vogue*, entre 1901 e 1993, e tomou como indicador a proporção do busto em relação à cintura. Barber identificou, neste intervalo de tempo, uma redução nas curvas dos corpos das modelos, associando tal mudança à elevação do nível de instrução e à maior participação da mulher na economia<sup>49</sup>.

A pesquisa sugeriu que o armazenamento de gordura corporal é inversamente proporcional ao status econômico das mulheres, ou seja, quanto menor o poder econômico, maior a importância do casamento para elas, levando-as a adotar um estilo de vida ancorado ao lar e mais sedentário, tendo como resultado um padrão físico que se torna mais curvilíneo, enquanto que as mulheres economicamente mais independentes tendem a apresentar um corpo mais ereto e menos adiposo<sup>50</sup>.

Um outro aspecto envolve a relação entre mídia e o corpo. Trata-se da influência dos meios de comunicação no afã em ser magro que pode culminar na anorexia. Há estudos que confirmam essa relação. Um relatório da Associação Médica Britânica divulgado em maio de 2000 revelou que a exposição contínua pela imprensa de modelos magras contribui para a redução ou perda de apetite. Segundo o documento, as mulheres tentam seguir o padrão de beleza vigente em detrimento da própria saúde<sup>51</sup>.

Análises realizadas por Mira, em 1992, das revistas *Corpo a Corpo*, *Forma Física* e *Boa Forma*, para conhecer o perfil dos assinantes da primeira, revelaram que a maioria era composta por mulheres preocupadas igualmente com a aparência física e com a saúde. "As pessoas não acreditam mais naquele 'tipo



cabeça' que não liga para o corpo", concluiu o estudo<sup>52</sup>. A autora admitiu que as relações entre beleza e saúde são recorrentes nos anúncios de cosméticos<sup>53</sup>.

Segundo Lipovetsky, o cinema também tangencia e agencia desejos, percepções e disposições íntimas de cada um em relação à própria aparência, sobretudo no que se refere às mulheres:

Ao longo do século XX, a imprensa feminina, a publicidade, o cinema, a fotografia de moda propagaram pela primeira vez as normas e as imagens ideais do feminino na escala do grande número. Com as estrelas, as manequins e as imagens de pin-up, os modelos superlativos da feminilidade saem do reino da raridade e invadem a vida cotidiana. [...] Desde há um século, o culto do belo sexo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas<sup>54</sup>.

Outro modismo para o qual a mídia contribui é o da tatuagem. Segundo Le Breton, grande número de revistas alimentam a cultura das modificações corporais ao divulgar as criações dos tatuadores, trazendo à tona dados etnológicos esquecidos sobre marcas corporais de sociedades há muito desaparecidas. Informam também quais estrelas do cinema e da música as ostentam, dão endereço dos locais onde podem ser feitas<sup>55</sup>.

Os meios de comunicação são, portanto, a maior janela de visibilidade, publicização e propagação simbólica da corporeidade canônica, nos diz Fontes ressaltando, porém, que não a considera o elemento elaborador deste padrão, mas o seu lócus privilegiado de divulgação.

É através dela que essa configuração física, esse corpo (re)construído, publiciza-se à exaustão e seduz adeptos para as práticas que a/o constroem. A relação mais visível do complexo de mídias com a inflação do mercado de cirurgias plásticas e implante de silícones no corpo se dá, sobretudo, através da divulgação (nos programas de TV e nas revistas voltadas para a cobertura dos bastidores do veículo), da realização, do sucesso e dos efeitos espetaculares das correções estéticas às quais as estrelas se submetem<sup>56</sup>.

Interessante verificar que, mesmo no tempo em que a televisão ainda engatinhava em um grande número de cidades brasileiras, e mesmo antes da importância exagerada conferida à magreza, cantoras do rádio já ensinavam como não engordar. "A Revista do Rádio" n. 595, de 11 de fevereiro de 1961, publicava treze entrevistas com depoimentos sobre dietas.

Emilinha Borba afirmava: "como tudo de que eu gosto sem me preocupar em fazer regime, mas apesar de ser gulosa, como com moderação. Sinto que já estou até um pouco acima do meu peso ideal, que é 56, pois estou agora com 60".

Ângela Maria admitia: “Eu adoro comer e gosto de comer de tudo, de maneira que passo um verdadeiro martírio para evitar engordar”.

A afirmação da também cantora Nora Ney mostrava que a preocupação era recente: “Até bem pouco tempo minha preocupação era não emagrecer”.

A vedete Mara Rubia garantia não se preocupar com regime alimentar. “Como de tudo. Mas faço ginástica”.

A apresentadora Neide Aparecida, cujas curvas ajudaram que ela fosse uma das “certinhas do Lalau”<sup>57</sup> também confessava que não fazia “regime consciente para emagrecer, mas de certas medidas que adoto instintivamente talvez sejam responsáveis pela minha esbelteza: não como chocolate, abacaxi, evito carne de porco e comidas salgadas”.

A cantora e atriz Doris Monteiro, cujo corpo hoje em dia seria considerado acima das medidas padrão, disse à reportagem que “gostaria muito de engordar, cheguei a seguir vários métodos e não consegui. Talvez seja de natureza que não engordo. Vou todos os dias ao banho de mar e dizem que isto é o melhor para emagrecer”<sup>58</sup>.

Na seção intitulada ‘Para Usar’, em 6 de setembro de 2000, a revista *Veja* noticiou que o significado social da beleza era observável no prestígio que ela propicia com o sexo oposto, nas facilidades de obter empregos, promoções, etc., sendo um elemento de distinção social. Sinalizou que muitos anúncios de emprego exigiam que os candidatos tivessem “boa aparência”<sup>59</sup>.

A citada revista divulgou que, no Brasil, a clientela com menos de 18 anos chegou a 13% do total de pacientes. Um dos motivos da demanda foi a pressão da família. “Pelo menos 20% dos pacientes são motivados pelos pais”<sup>60</sup>.

Sinal dos tempos: a ampliação do léxico, pois já se falava, antecipando-se aos dicionários, em mulher ‘siliconada’, ‘botocada’ e ‘lipada’<sup>61</sup>.

A questão do corpo motivou, na década de 90 e durante a passagem do século, matérias e capas em praticamente todas as revistas, das femininas às masculinas, das especializadas em TV às informativas. Esta tendência pode ser considerada marca de uma época. O culto ao corpo tem sido enfocado e incentivado em matérias sobre saúde, beleza, que incluíam ginástica, dietas, cirurgias plásticas.

Um dos temas recorrentes é o lançamento de novidades, a todo momento, visando o rejuvenescimento e o emagrecimento. Além da proliferação de livros sobre dietas, fazem sucesso, produtos que atendiam uma obsessão da humanidade na virada do

milênio: retardar a velhice, não só através de medicações e exercícios físicos, mas os alimentos ingeridos e os evitados<sup>62</sup>.

## ADITADURA DO CORPO SAUDÁVEL

Ao contribuir para a produção de doenças, a sociedade pós-moderna também produz fórmulas curativas que, no entanto, ao serem impingidas aos consumidores, podem ter consequências danosas. Capra sinalizou que, entre os perigos à saúde criados pelo sistema econômico, alguns são causados pelo consumo de artigos promovidos por campanhas maciças de publicidade para alimentar a expansão econômica.

A publicidade de remédios é especificamente planejada para induzir os médicos a receitar cada vez mais. Descritos como solução ideal para uma grande variedade de problemas cotidianos – estresse, depressão, impotência, tranqüilizantes e outros medicamentos são apresentados como meios convenientes para “apaziguar” pacientes idosos ou crianças rebeldes em idade escolar<sup>63</sup>.

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*<sup>64</sup>, o psicanalista Contardo Calligaris denunciou os enormes custos dos tratamentos prescritos, 53% dos quais gastos em medicação psiquiátrica. Sinalizou que, além das possíveis causas da proliferação das prescrições, a tradição clínica tem sido trocada pela esperança de fazer milagres: “somos definidos pelos sintomas que os remédios curam. A pílula que melhora o sintoma é tudo que é preciso”.

A hipocondria ganha características que se aproximam da paranóia. Se bobear, um simples espirro será suficiente para o paciente ser encaminhado a ultrassonografias, ressonâncias magnéticas e similares.



### REPORTAGENS SOBRE TEMAS ARTICULANDO ALIMENTAÇÃO E SAÚDE

A relação entre alimentação e saúde vem sendo abordada em um sem número de revistas e jornais brasileiros. Os consumidores obcecados por uma vida saudável foram alertados que a comida precisaria, mais do que alimentar: combater as doenças também.

Uma notícia deu alegria aos que gostam de beber: uma dose semanal de álcool poderia evitar o infarto, segundo conclusões de uma pesquisa realizada em Harvard<sup>65</sup>.

No final da década entrou na moda uma nova classe de suplementos nutricionais, com promessas milagrosas de deter o envelhecimento, combater doenças graves como o câncer, e este foi tema de uma matéria publicada na revista *VEJA*. Anunciadas como “Drogas do bem-estar”, atraíram até quem não tinha problemas de saúde<sup>66</sup>.

Descobertas de cientistas americanos revelaram que o chocolate pode evitar infartos por conter flavonóides, os filtros diminuidores das placas de gordura que entopem as artérias. Em contrapartida a gulodice engorda ameaçando não só a estética mas também ao coração<sup>67</sup>.

O leitor foi informado que a soja virara moda nos EUA e os americanos estavam tomando sopa enlatada de soja, comendo carne de soja, bebendo leite de soja, e até suco de soja. Haviam descoberto suas vantagens nutricionais e terapêuticas<sup>68</sup>.

Tornaram-se cada vez mais populares nos países ricos os alimentos nutracêuticos, definidos como aqueles que fornecem energia ao organismo, saciam a fome, e funcionam como remédio.

A comida contribui para uma criança nascer do sexo masculino ou feminino, anunciou uma reportagem. Virar vegetariana para ter uma menina poderia dar certo, segundo ginecologistas da Universidade de Nottingham. Mas segundo um ginecologista paulista, nenhum método tem condições de determinar com segurança nem comprovar a interferência de fatores externos no nascimento de um menino ou de uma menina<sup>69</sup>.

Uma outra reportagem informou a popularidade crescente dos suplementos alimentares entre praticantes de atividades físicas, visando melhorar o desempenho.<sup>70</sup> A referida revista anunciou que uma maneira de prevenir-se do câncer de próstata é cortar ao máximo a carne vermelhas<sup>71</sup>.

Uma publicação científica de renome, a americana *Science*, publicou que a gordura não faz mal. Mas um outro artigo desmentiu que uma dieta rica em gorduras é prejudicial à saúde da maioria das pessoas, baseado em resultados de pesquisas realizadas nos Estados Unidos. “Nos Estados Unidos nós não tememos mais a Deus nem aos comunistas. Nós só tememos a gordura”— afirmou um dos cientistas entrevistados. A polêmica parece não ter fim, mostrando que a ciência ainda engatinha em termos de concluir sobre os efeitos de gorduras e carboidratos, e dividindo profissionais da área de nutrição<sup>72</sup>.



## REPORTAGENS SOBRE SAÚDE

Nos últimos anos, a preocupação com o corpo tem ido além da questão da beleza e o tema saúde tem sido recorrente. Reportagens, entrevistas são publicadas com grande frequência em jornais e revistas, indicando que a preocupação com a vida saudável, o medo de adoecer, do sofrimento físico e da morte não parecem ter sido amenizados com os progressos da ciência médica e continuam perseguindo o homem.

Muitas das reportagens publicadas são amedrontadoras, contribuindo para o aumento do mal-estar. Principalmente as que revelavam moléstias novas e admitiam não haver jeito para

algumas antigas que atravessam os séculos sem solução. Caminhos para prevenção e cura para outras deram esperanças aos leitores.

Encontramos reportagens que, ao invés de alertar e provocar medo, transmitiam notícias auspiciosas ao informar aos leitores descobertas que os livraria ou os permitira evitar inúmeras doenças.